



Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista,"

DIRECTOR E EDITOR: EDUARDO LARCHER MARÇAL.

RED. E ADM. LARGO JOSÉ NOVAES. COMP. E IMP. CENTRO DE NOVIDADES

Collegios Novos

(New Schools)

I

HA muito tempo já que os educadores procuram um systema de educação que prepare cabalmente as gerações *modernas* para a vida *moderna*.

Os velhos processos educativos são combatidos. O ensino auctoritario, crudito e abstracto, dá logar ao ensino pratico, em face da vida, assimilado com interesse e amor. A formação do character occupa um logar primacial, nas preoccupações do educador, que procura crear *homens* que sejam *homens*, encarando a vida face a face, com audacia, com iniciativa e com honestidade.

Procura-se realizar o velho preceito *mens sana in corpore sano* e formar almas boas e energicas, em corpos bellos e fortes.

O velho typo do estudante pallido, myope, taciturno, apparece como um archaismo condemnavel. E a vida moderna quer homens solidos, resistentes, com a plena e clara alegria de viver que vem de uma saude equilibrada, de uns nervos calmos e de uns musculos vigorosos.

Mas não bastava criticar, demolir os velhos processos educativos; não bastava mostrar

o novo caminho que a educação precisava de tomar para se adaptar á vida moderna.

Era preciso *realisar* essa orientação, dar vida a esses principios *novos*, crear um novo arsenal educativo, laboratorios de educação que elaborassem gerações novas, com uma preparação maior e melhor para viver.

E aqui estava precisamente a maior difficuldade. Para educar por *novos* processos exigiam-se *novos* educadores tambem; e aonde encontra-los libertos de todos os velhos methodos, senão em homens excepçionaes?

Depois era necessario crear um ambiente adaptado, onde a acção educativa dos novos methodos se exercesse larga e plenamente.

A familia era esse ambiente ideal, dizem-no todos os educadores; mas como emancipala dos velhos processos, como crear n'ella esse meio *novo*, que a nova educação impunha? Como exigir de um grande numero, esses cuidados absorventes da educação dos filhos e a complexidade de conhecimentos, o dispendio de tempo e de meios que ella requer?

Era necessario portanto crear internatos, não com o velho typo de casernas dos collegios antigos, mas o mais approximados possivel do meio familiar; torna-los carinhosos, confortaveis, dar-lhes uma forte acção educativa, envolvendo e penetrando profundamente a alma infantil pelo ambiente, pela

acção das pessoas e pelo aspecto das coisas.

Foi com essa orientação que o Dr. Reddie fundou em 1889 o primeiro *Collegio Novo*, (New-School para os inglezes, Land-Erziehungs-Heim (1) para os allemães) em *Abbotsholme*, no *Derbyshire*, em Inglaterra.

E de tal forma a *nova Escola* do dr. Rad-die se impoz, que logo se crearam outros collegios do mesmo typo e segundo os mesmos principios.

Badley, um discipulo do Dr. Reddie, inicia em 1893 um internato modelo em Petersfield. O dr. Hermann Liez, depois de um longo estadio em Abbotsholme, funda na Allemanha, com uma energia admiravel, tres collegios: o de Ilsenburgo, em 1898, (destinado ás creanças de 8 a 12 annos), o de Hanbinda, em 1901, (para as de 12 a 16 annos) e o de Bieberstein, em 1904, (para as de 16 a 20 annos).

E o grande sociologo francez Edmond Demolins, depois do seu admiravel livro sobre a *Superioridade dos Anglo-Saxões*, que tanto barulho fez em França, procura realisar praticamente as suas doutrinas sobre a regeneração social da sua patria e funda em 1899, á semelhança dos collegios de Abbotsholme e sobretudo do de Bedales, a sua *École des Roches*.

Alem d'estes collegios muitos outros se crearam na Inglaterra, França, Allemanha, Suissa, Belgica, Hollanda, Austria e Estados-Unidos (2).

Apesar de diversos, segundo os paizes e segundo a orientação dos seus directores,

(1) E' uma palavra composta, no gosto allemão, que indica o triplice character das Escolas Novas: installação no campo e formação intensa do character, a par do cultivo de intelligencia, em um meio semelhante ao da familia.

(2) Entre nós ha, que eu conheça, tres tentativas: o *Collegio da Boavista* no Porto, o *Collegio da Cumeada* em Coimbra e um *Collegio na Figueira da Foz*. O primeiro é dirigido por um meu antigo professor e amigo, com elevados qualidades de educador, uma grande cultura pedagogica e uma grande fé na Educação Nova, que, apesar de mil obstaculos, elle procura realisar amplamente no seu collegio.

SONETO

*Esse barco em que andei, moço e contente,
Sob os astros de Deus, no largo mar,
Mais fugitivo do que um sonho ardente,
Enxarcias d'ouro, velas de luar,*

*Que será feito d'elle? Como a gente
Tudo perde, sem d'isso se importar,
E quando chama, allucinadamente,
Só ouve o echo da sua voz chamar!*

*Nem vós sabeis como eu, ledo e cantando,
Andei no barco que fugiu, voando,
Como aza branca e leve que emigrou.*

*E ainda alevanto os olhos ás estrellas,
Dizem-me adeus, ao longe, as outras velas...
Mas o meu barco nunca mais voltou!*

(inédito)

JULIO BRANDÃO

essas Escolas teem traços communs que as identificam.

São estabelecidas no campo, em terrenos vastos, grandes quintas que permittam amplas installações, trabalhos agricolas e florestaes, jogos ao ar livre, montagem de atelieres e officinas. Ao contrario dos antigos collegios, as novas Escolas são sempre situadas longe das grandes povoações onde se respira um ar impuro e viciado, onde a alimentação é mais adulterada e cara, e onde se vive em uma perpetua sobre-excitação nervosa, causa permanente de uma fadiga que conduz facilmente á degenerescencia.

O campo, com o seu ar mais puro, mais sadio, com a sua vida calma, repousadora, tranquillamente laboriosa, convem mais á creança moderna, de uma compleição nervosa delicada, ás vezes victima de uma fadiga precoce.

Os edificios do collegio não são os soturnos e frios casarões de outrora; são claros, alegres, confortaveis, com muito ar e muita luz.

Cada grupo de alumnos, nunca excedendo cincoenta, vive em uma casa com um profes-

sor e a sua família, formando todos uma grande família também.

A *École des Roches* tem, por exemplo, 175 alumnos que vivem em 6 edificios autonomos. Dentro de casa não existe o classico aspecto de caserna, mas o conforto amavel do lar. Ha quadros decorando as paredes, musselinas claras nas janellas, jarras de flores sobre a toalha alva das mesas, retratos de pessoas queridas, na discreta intimidade dos quartos.

Os professores vivem em uma camaradagem estreita com os alumnos, e são os seus companheiros e os seus guias. Não existe a odiosa instituição do *prefeito*.

O *prefeito*! com que tristeza me lembro do meu collegio, revendo as enfaçonhas horas de estudo, n'um casarão sujo e severo, com o *prefeito* a passear entre nós, lapis na mão, para *tomar nota* dos indisciplinados, dos preguiçosos! O *prefeito* era para nós o policia, o delator e algumas vezes também o *cumplice venal*.

Os *déclassés*, que não tinham alcançado empregos publicos, que tinham falhado o seu curso ou que nem sequer o tinham tentado, refugiavam-se na profissão facil de *prefeitos*.

Eu tive um, santo homem coitado, que foi, dizia-se, pedreiro, depois porteiro, e finalmente *prefeito*!

Pobre homem! o trabalho que nós um dia tivemos para o convenceremos de que o sol não andava á volta da terra, mas a terra á volta do sol!

Eram esses no meu collegio e em muitos os educadores (?) que estavam mais em contacto connosco, que nos vigiavam nos passeios, nos estudos, nos recreios, nossos guias e tantas vezes nossos confidentes!

A educação nas Escolas Novas assenta, segundo Férriere, nas seguintes bases:

1.º *Quanto á Educação phisica*: Vida no Campo. Agua, ar, luz em abundancia. Trabalhos manuaes obrigatorios para todos os alumnos: *agricultura, carpinteria, jardinagem, serralheria*. O *equilibrio e a saude do corpo, considerados como condição primordial da saude da alma*.

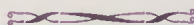
2.º *Quanto á educação intellectual*: Nada de *erudição*, nem *memorisação* impos-

tas á creança do exterior para o seu espirito, mas *reflexão e razão, exercendo-se* da sua intelligencia para o exterior. Partir do facto para se elevar á ideia. Pratica do methodo scientifico: *observação, hypothese, verificação, lei*.

3.º *Quanto á educação moral*: A liberdade moral que cria para si propria uma norma individual e social, do interior para o exterior e não a auctoridade exercendo-se do exterior para o interior. A emancipação da auctoridade, fazendo-se pelo merito pessoal. A liberdade moral como uma conquista. Educação para a *iniciativa*, para a *responsabilidade*, para o *self-gouvernement*.

E dando alma, dando vigor a toda a Escola: o amor de todos por ella e uma sã e luminosa alegria de viver.

J. B.



A patria e familia do poeta Gil Vicente

LISBOA, Barcellos e Guimarães disputaram durante seculos qual d'ellas fosse a patria do famoso poeta Gil Vicente.

Comtudo, Guimarães e Barcellos é que tinham a seu favor o maior numero de opiniões.

Assim, D. Antonio de Lima, no t.º de *Menezes do seu «Nobiliario»*, da-o como nascido no velho burgo de Couros, da então villa de Guimarães.

Da mesma opinião é o «Manual Bibliographico Portugues», de Ricardo Pinto de Mattos, dizendo que ultimamente se decidiu com provas extrahidas dos livros genealogicos de Christovão Alão de Moraes (*Ms. n.º 441 da Bibl. publica do Porto, 1667*) e documentos da mais segura authenticidade, que Gil Vicente nasceu em Guimarães e foi lavrante de prata em Lisboa, ao mesmo tempo que fundava o theatro portugues.

E Camillo Castello Branco, na sua «Historia e Sentimentalismo», concorda com esta naturalidade, se bem que não ouse affirmar-o.

Como natural de Barcellos, dão-no, entre outros, os seguintes escriptores: Fr. Pedro de Poyares, no seu «Tratado Panegyrico em

louvor da villa de Barcellos», onde diz: «Gil Vicente, em tempo del Rey D. João III, poeta celebre, foi natural de Barcellos; e andão algúas cousas suas impressas. Seu modo de dizer era engraçado, e era na qualidade nobilissimo; Belchior de Goes do Rego, homem principal da villa de Barcellos, e do habito de Christo, Commendador da casa de Bragança, era seu neto, ou bisneto.»

A «Biographia Universal» de Felner, e o «Dicc. Hist. e Geogr.» de Bouillet, edic. de 1866, dão-lhe a mesma naturalidade.

E, finalmente, o sr. Theophilo Braga, no seu apreciado livro «Questões de Litteratura e Arte Portuguesa», pag. 216, citando a opinião do auctor do Tratado Panegyrico», diz: «Isto vem-nos explicar não só o motivo da confusão dos genealogicos, como a tradição vaga da naturalidade de Gil Vicente attribuida a Barcellos.»

Não obstante o testemunho de tão respeitaveis escriptores nacionaes e estrangeiros, é hoje ponto averiguado que Gil Vicente — o dos autos — (porque outro foi o ourives) nasceu em Guimarães, como o demonstrou ultimamente o Visconde de Sanches de Baena, na sua interessante monographia «Gil Vicente», publicada em 1894, baseando-se em documentos de grande valor, uns que descobriu no archivo da Torre do Tombo, outros que lhe foram ministrados pelo actual representante do grande poeta — o sr. Henrique Feijó Barreto, natural do concelho de Mafra.

Mas era legitima, até certo ponto, a suspeita de que Gil Vicente fosse barcellense; porque, se Barcellos não pode ufanar-se de ter sido o berço do immortal fundador do theatro portuguez, é certo que o foi de sua mãe — Filippa Borges, — o que explica sufficientemente o desaccordo dos auctores, que o fazem ora natural de Barcellos, ora de Guimarães.

*

Conhecida a patria de Gil Vicente, vamos dar umas ligeiras notas historico-genealogicas de sua familia, notas que extractamos do recente trabalho de Sanches de Baena, simplesmente na parte que diz respeito ao ramo que actualmente representa o poeta.

Os abalisados linhagistas Dr. Fr. João da Conceição, Antonio Feo Castello Branco e Jacyntho de Pina Loureiro, dão principio á familia de Gil Vicente em seu avô Gil Fernandes (n.º 1), natural de Guimarães, onde exerceu o officio de ourives, sendo vivo em 1460 e 1485. Casou na mesma cidade com Anna (ou Joanna) Vicente, tambem ali nascida, de quem houve os filhos que se seguem:

a. 2 — *Gil Vicente*, que nasceu em Guimarães e foi, como seu pae, ourives. Mais tarde, transferindo a sua residencia para Lisboa, ali casou e exerceu, com grande brilho, a sua profissão. Foi o auctor da genial *Custodia dos Jeronymos*, feita em 1503, do mais puro oiro de Quilôa, e da qual disse Lord Bekford, na sua carta VII, de 12 de junho de 1787: «não ha cousa mais bella, como specimen do bem trabalhado lavor gothico, do que esta complicada peça esmaltada, e com leves esteios e pinaculos cinzelados, tendo os doze apostolos em seus nichos debaixo de pavilhões, formados por milhares de voltas e ramificações.» Alem d'esta obra admiravel, pertencem-lhe ainda alguns calices, feitos por ordem da rainha D. Leonor, viuva de D. João II, a cruz grande do mosteiro de Belem e riquissimas baixelas para as principaes casas titulares do seu tempo, destacando-se d'entre todas a que foi executada para o 1.º conde de Villa Nova de Portimão, D. Martinho de Mascarenhas, da qual ainda ha poucos annos se admiravam algumas peças que escaparam á calamitosa devastação dos tempos, na opulenta casa dos herdeiros do mesmo conde — os marquezes de Abrantes.

Foram seus filhos:

a. 3 — Padre Gil Fernandes (vid. N.º a. 5).

b. 3 — Vicente Fernandes, que foi



BARCELLOS — UM ASPECTO INTERESSANTE DA ANTIGA RUA DAS ~~VILHAS~~ **LAGATAS**
(HOJE RUA FÁRIA BARBOSA)

Cliché de A. Soucasaux

Simill-gravura de M. Abreu.

para a Índia em 1503 com Affonso de Albuquerque, tendo sido nomeado em 1512 escrivão da embaixada ao Hidalcão.

- c. 3 — Belchior Vicente, que ainda vivia em 1540.
- b. 2 — Luis Vicente, com quem se continua.
- c. 2 — Vicente Affonso, que foi curtidor em Guimarães, onde sempre residiu e casou com Cecilia Gomes, de quem teve successão.

N.º 2 — *Luis Vicente*, foi, como dissemos, o 2.º filho de Gil Fernandes (N.º 1), e casou com Filippa Borges, filha de Martin Borges, natural da freguesia de Creixomil, d'este concelho de Barcellos. Exerceu tambem o officio de ourives em Guimarães; mas, tendo ficado viuvo muito novo e em precarias circumstancias de fortuna, partiu com seus filhos para Lisboa, onde trabalhou nas officinas de seu irmão Gil, que já então auferia da sua profissão copiosos proventos.

Foram seus filhos :

- a. 3—Gil Vicente — o poeta — com quem se continua.
- b. 3—Filippa Borges, casada com Estevam de Aguiar, uchão de el-rei D. Manuel, c. g.
- c. 3—Affonso Vicente.

N.º 3—*Gil Vicente*, foi o filho primogenito de Luis Vicente. Nasceu em Guimarães em 1475 e foi com seu pae e irmão para Lisboa, onde viveu em companhia de seu tio e padrinho do mesmo nome. Coursou a Universidade, que se achava então em Lisboa, revelando desde logo uma decidida vocação pelas musas. Mais tarde, foi professor de rhetorica de D. João III, que lhe fez importantes mercês, não sendo a menor uma extensa area de terreno, na freguesia de Matacães, do concelho de Torres Vedras, onde o poeta fundou a sua quinta do Mosteiro. Casou em 1512, ou pouco depois, com Branca Bezerra, filha de Martim de Castro, natural de Castro Verde, e fallecida em Evora, entre os annos de 1532 e 1533. Com a perda da sua companheira de cêrca de vinte annos, Gil Vicente ficou de tal maneira inconsolavel, que resolveu recolher-se á sua quinta do Mosteiro, onde veio afinal a fallecer em 1540, contando 65 annos de idade. Gil Vicente, pela vivacidade do seu grande talento poetico e dramatico, foi muito estimado nos serões da côrte dos nossos reis D. João II e D. Manoel, para os quaes escreveu jocosissimos autos. A rainha D. Leonor, mulher de el-rei D. João II, foi a principal iniciadora d'estes passatempos palacianos, e a ella se deve não só a creação da imprensa em Portugal, a fundação das Misericórdias e os bellos trabalhos de ourivesaria encommendados ao seu lavrante Gil Vicente (vid. N.º 1, a. 2), mas também o apparecimento do theatro portuguez, cujos primeiros autos foram a seu pedido escriptos pelo nosso poeta.

VOGANDO

*O barco vae sereno, deslizando,
As pás dos remos cahem brandamente,
E a prôa corta vagarosamente,
A agua que se separa, marulhando ...*

*Muito de longe vem, de quando em quando,
Um canto suave, mystico e dolente,
Doce como o murmurio da corrente,
Que o barco brandamente vae cortando.*

*Nos amieiros dobrados sobre o rio,
As rolas esvoaçam assustadas.
Um melro passa esquivo e fugidio...*

*Cahem as pás dos remos compassadas,
A noite sobe pelo azul sombrio,
Passam ranchos, cantando, nas estradas...*

V. CABRAL.

Teve os filhos seguintes :

- a. 4—Paula Vicente, nascida em 1513, na quinta do Mosteiro, carinhosa e desvelada companheira de seu pae nos ultimos momentos da sua existencia. Foi moça da camara e professora de musica da infanta D. Maria, que lhe fez varias mercês, entre as quaes a doação de terras juntas á quinta do Mosteiro. Em 1561 obteve privilegio para a publicação das obras poeticas de seu pae.
- b. 4—Luis Vicente de Castro, com quem se continua.
- c. 4—Valeria Borges, casada com D. Antonio de Menezes, de quem nasceu D. Luis de Menezes, morgado de Tamugem e morador na sua quinta de Alcobaça, que é onde hoje se acha estabelecido o Asylo e Hospital dos Invalidos Militares de Runa.

(Continúa).

W.

Dos nossos escriptores

AUTO DA FEIRA

(excerpto)

TEMPO

*E porque as virtudes, Senhor Deos, que digo,
Se forão perdendo de dias em dias,
Com a vontade que deste ó Messias
Memoria o teu anjo que ande comigo,
Senhor, porque temo
Ser esta feira de maos compradores,
Porque agora os mais sabedores
Fazem as compras na feira do Demo,
E os mesmos diabos são seus corretores.*

Entra hum Serafim enviado por Deus a petição do Tempo, e diz :

SERAPHIM

*A' feira, á feira, igrejas, mosteiros,
Pastores das almas, Papas adormidos ;
Comprae aquí pannos, mudae os vestidos,
Buscae as çamarras dos outros primeiros
Os antecessores
Feirae o carão que trazeis dourado ;
O' presidentes do crucificado,
Lembraí-vos da vida dos sanctos pastores
Do tempo passado.*

*O' Príncipes altos, imperio facundo,
Guardae-vos da ira do Senhor dos Ceos ;
Comprae grande somma do temor de Deos
Na feira da Virgem, Senhora de mundo,
Exemplo de paz,
Pastora dos anjos, luz das estrellas.
A' feira da Virgem, donas e donzellas,
Porque este mercador, sabeí que aquí traz
As cousas mais bellas.*

Entra hum Diabo com hua tendinha diante de si, como bufarinheiro, e diz :

DIABO

*Eu bem me posso gabar,
E cada vez que quizer,
Que na feira onde eu entrar,
Sempre tenho que vender,
E acho quem me comprar.*

*E mais vendo muito bem,
Porque sei bem o que entendo ;
E de tudo quanto vendo
Não pago sisa a ninguém
Por tracto que ande fazendo.*

*Quero-me fazer d vela
Nesta sancta feira nova.
Verei os que vem a ella,
E mais verei quem m'estrova
De ser eu o maior della.*

TEMPO

*E's tu tambem mercador,
Que a tal feira t'offereces ?*

DIABO

Eu não sei se me conheces.

TEMPO

*Fallando com salvaror,
Tu diabo me pareces.*

DIABO

*Fallando com saltos rabos,
Inda que me tens por vil,
Achardos homens cem mil
Honrados, que são diabos,
Que eu não tenho nem ceitil.
E bem honrados te digo,
E homens de muita renda,
Que tem dívedo comigo.
Pois não me tolhas a venda,
Que não hei nada contigo.*

(1) GIL VICENTE.
(1470-1540)

(1) Creador do nosso theatro e uma das mais altas individualidades litterarias do seculo XVI.— Genio original, brilhante, ironico e mordente, cheio de graça e de espontaneidade. — Flagellou impiedosamente os costumes do tempo, o judeu avaro, o padre devasso, o fidalgo peralvilho. — Diz-se que um dos maiores sabios allemães do seu tempo, Erasmo, aprendeu o portuguez para lêr as comedias de Gil Vicente.—Como um nosso muito distincto e erudito collaborador, publica neste numero um estudo sobre a patria e a familia do grande comediographo, julgamos interessante transcrever um trecho de um dos seus Autos mais curiosos.

Cartas á minha vizinha

XVII

Vizinha:

O correio trouxe-me a sua carta, Vizinha, que, apesar de o não querer, é tão amavel como finamente graciosa e interessante. Penso que não commetto uma inconfidencia publicando-a, tanto mais que é meu dever defender-me da sua critica, que calça impeccavelmente luva branca. Nos proximos numeros, porque hoje m'o não permite a falta de espaço, ir-lhe-hei respondendo, Vizinha amavel. E desde já lhe peço que acceite os protestos da maior admiração e do maior reconhecimento do seu Vizinho, hoje no banco dos reus e por isso submissamente:

Importuno.

A VIZINHA RESPONDE...

Vizinho:

As brilhantes e eruditas cartas que me tem dirigido por intermedio da *Revista*, são sempre lidas por mim com verdadeiro interesse e attenção.

E se algumas vezes tenho intimamente approvado a these que o Vizinho defende e desenvolve nas suas cartas, sob uma forma impeccavel e original, outras me tem lembrado fazer-lhe ligeiros reparos.

Mas, se então hesitei entre a minha lembrança e os meus affazeres de *burguezinha*, hoje tentarei vencer essa hesitação e mostrar-lhe como é injusto na sua ultima carta.

Depois de publicada a XV carta, eu julguei adivinhar, Vizinho, quaes seriam as contas que tinhamos a desfiar na carta seguinte, porque demais conheço a sua predilecção pelas *extrangeiras*.

Mas o que eu não julguei, o que eu não pensei sequer, Vizinho, é que me viesse falar da *moda*, «da horrivel *moda*, da absurda *moda* que é um insulto á liberdade de pensar e proceder, tão apregoada no nosso seculo!»

O Vizinho a fallar-me da moda!...

O Vizinho, que com certeza já usou calças estreitas e agora as usa largas e amanha voltará a adoptar aquellas; o Vizinho, que eu já vi de *paleto* curto, fechado e direito e que o poz de parte para agora o usar comprido, aberto e cintado; o Vizinho, que já comprimiu os seus pés em apertadas botas de bico estreito, que ultimamente substituiu (até que regresse esta moda) pelo racional e moderno calçado «á americana»!

E já não lhe fallo nas constantes e interminaveis mutações de chapéus, collarinhos, gravatas, luvas, e n'essa «variedade de mil pequenas coisas, que todas se pagam e ás vezes por um preço atterrador!»

E tudo isso para quê, Vizinho? Para andar na moda, para obedecer cegamente á moda decretada em Paris ou no «Pool» em Londres.

Ora diga-me, Vizinho:

Porventura a *moda* só «sujeita a mulher de um paiz que tem as suas tradições, os seus costumes, o seu typo ethnico, o seu temperamento caracteristico, a adoptar um vestuario incaracteristico, muitas vezes inadaptado ao seu character, ao seu gosto, até á sua maneira de sentir e de pensar!»?...

A sobrecasaca e o chapéu de seda, que lhe dão um aspecto grave e magestoso, e com que o tenho visto nos actos sollemnes; o *smocking* que o Vizinho enverga quando vae á Assembléa deliciar-se em estonteadoras valsas, serão porventura tradicionais e caracteristicos?

E' esse o traje regional dos homens da nossa bella Provincia?...
.....

Mas não foi certamente para lhe fallar da *moda*, atraz da qual o Vizinho me acompanha «n'uma carreira exhaustiva», tomando-me muitas vezes a dianteira, d'essa *moda* que o Vizinho critica tão asperamente nas mulheres, esquecendo-se de si, que eu tomei a resolução de escrever-lhe.

O meu fim, o meu objectivo, é não deixar passar sem o meu vehemente protesto a critica acerba e injusta, o labéo que o Vizinho lança sobre todas as mulheres portuguezas, enquanto as phrases encomiasticas e as palavras de louvor e de admiração as dirige ás

Carta do Soucasaux

Paquebot ATLANTIQUE

DIA DE REIS — 1911

Meus camaradas do
Barcellos-Revista.

F. A. N.

Prometti dar-lhes de Dakar um artiquêto sobre a feira de Barcellos, porém quando a bordo não se tem que fazer... é claro, é evidente... que o tempo nunca chega.

Uma vez bata com os canastos no Rio, serei presto em remetter alguns instantaneos do mercado semanal e uma pequena dóse de vocabulos para os entreter.

Passo-lhes, porém, desde já, ás mãos esse flagrante em que apparece a familiarissima e insinuante silhueta do rev.^o Manoel Villa-Chã Esteves — esse corpanzil agasalhador da mais bem humorada alma que é dado apreciar entre os coevos barcellenses — ouvindo bonhomico a classica Se Mariquinhas do Padre, sempiterna zeladora do altar de N. Senhora das Dores erecto na que foi Real Collegiada.

Falta-lhe a classica e annosa capa, que tanto caracteriza esse typo popular de boa mulher que muito gostarei de ver envelheci-



BARCELLOS NA RUA

Cliché de A. Soucasaux

Simili-gravura de M. Abreu

da n'essa «antiga, nobre, heroica e sempre illustre villa de Barcellos», servindo-me da elegante expressão do decano dos jornalistas Abbade Paes.

A. SOUCASAU.

extrangeiras, a essas extrangeiras de quem os livros que o Vizinho lê lhe dizem maravilhas e que, afinal, o Vizinho tão mal conhece!

Quantas e quantas vezes os livros nos suggestionam com lindas e adoraveis coisas que a pratica desmente?!

O Vizinho já viu, já experimentou directamente a preparação da mulher estrangeira como *ménagère*? Não acontecerá com as *Escolas ménagères* o mesmo que acontece com os nossos Asylos para educar e preparar «creadas de servir»?

O Vizinho deve saber, tão bem como eu, que estes Asylos rarissimas vezes nos dão uma boa creada de servir. Quando muito, uma regular dama de companhia que sabe «bordados, canto, o classico francez e o fatal piano»!

E, comtudo, da mesma forma que as *Escolas ménagères* foram fundadas para preparar boas donas de casa, os nossos Asylos são destinados para educar boas creadas de servir...

Estou a ver o Vizinho esboçar um sorriso e replicar-me présto, entre outras coisas, que isto acontece... em Portugal onde não ha educadoras bem orientadas.

Oiça, Vizinho:

A mulher portugueza é, em geral, até por instincto, uma boa administradora do seu *ménage*, esposa dedicada e Mãe carinhosa.

Trabalhadora estrénua, d'uma abnegação e docilidade admiraveis, a mulher portugueza sabe adaptar-se perfeitamente a «um orçamento em que as receitas são pequenas».

Quantos exemplos lhe poderia citar, Vizinho! Mas para quê?

Por acaso não terá o Vizinho admirado essas boas mulheres do nosso campo, sem instrução alguma, a cuidarem desveladamente, carinhosamente, da sua casa e dos seus filhinhos e auxiliarem ainda os maridos no amanho das terras, procurando sempre a felicidade e prosperidade do lar?

Não terá também o Vizinho observado a abnegação com que as mulheres dos nossos operarios se sujeitam a pesadissimos trabalhos para supprir os encargos do lar, para os quaes, muitas e muitas vezes, é insufficiente o parco salario do marido?

E nós, as *burguezinhas*, que por mal nosso e do Vizinho vivemos muito afastadas d'esses bellos paizes em que se erguem altaneiramente as sublimes *Escolas ménagères*, substituímol-as, talvez com vantagem, pelo conselho prudente e amigo, pela orientação pratica e segura que nossas Mães adquiriram n'um periodo de 15 ou 20 annos de administração do *ménage*.

Ora diga-me francamente, Vizinho:

Não valerá bem mais a educação gradual e progressiva, que nossas Mães nos ministram com amôr, desde creancinhas até á idade em que vamos constituir um lar, do que as prelecções ministradas atabalhoadamente nas *Escolas ménagères* durante o periodo de noivado?...

Tranquillise-se, pois, o Vizinho e se pertence, como creio, ao numero d'aquelles que apreciam a mulher por o que ella *vale por si* e não pelo oiro que possui, ponha de parte o despeito que deixa transparecer na sua carta e não se arreceie da duvida que tanto o preoccupa: decida-se finalmente e tenha sempre em vista o salutar proverbio:

«Quem muito escolhe mal acerta...»

Desculpe a sua Vizinha que hoje não é nem pode ser

Amavel,

A CLARA...

(TRAD.)

Paris, junho.

Minha adorada amiga.—Não, não foi na *Exposição dos Aguarellistas*, em março, que eu tive comsigo o meu primeiro encontro, por mandado dos Fados. Foi no inverno, minha adorada amiga, no baile dos Tres-sans. Foi ahi que a vi, conversando com Madame de Jouarre, diante d'uma consola, cujas luzes, entre os molhos de orchideas, punham nos seus cabellos aquelle nimbo d'ouro que tão justamente lhe pertence como «rainha de graça entre as mulheres». Lembro ainda, bem religiosamente, o seu sorrir cançado, o vestido preto com relevos côr de botão d'ouro, o leque antigo que tinha fechado no regaço. Passei; mas logo tudo em redor me pareceu irreparavelmente enfadonho e feio; e voltei a readmirar, a *meditar* em silencio a sua belleza, que me prendia pelo esplendor patente e comprehensivel, e ainda por não sei quê de fino, de espiritual, de dolente e de meigo que brilhava através

e vinha da alma. E tão intensamente me embebi n'essa contemplação, que levei comigo a sua imagem, decorada e inteira, sem esquecer um fio dos seus cabellos ou uma ondulação da seda que a cobria, e corri a encerrar-me com ella, alvoroçado, como um artista que n'algun escuro armazem, entre poeira e cacos, descobrisse a Obra sublime d'um Mestre perfeito.

E, porque o não confessarei? Essa imagem foi para mim, ao principio, meramente um Quadro, pendurado no fundo da minha alma, que eu a cada dôce momento olhava—mas para lhe louvar apenas, com crescente surpresa, os encantos diversos de Linha e de Côr. Era sómente uma rara tela, posta em sacrario, immovel e muda no seu brilho, sem outra influencia mais sobre mim que a d'uma forma muito bella que captiva um gosto muito educado. O meu sêr continuava livre, attento ás curiosidades que até ahi o seduziam, aberto aos sentimentos que até ahi o solicitavam;—e só quando sentia a fadiga das coisas imperfeitas ou o desejo novo d'uma occupação mais pura, regressava á Imagem que em mim guardava, como um

QUADRAS DO NOSSO POVO

Fra Angelico, no seu claustro, pousando os pinceis ao fim do dia, e ajoelhando ante a Madona, a implorar d'ella repouso e inspiração superior.

Pouco a pouco, porém, tudo o que não foi esta contemplação perdeu para mim valor e encanto. Comecei a viver cada dia mais retirado no fundo da minha alma, perdido na admiração da Imagem que lá rebrilhava—até que só essa occupação me pareceu digna da vida; no mundo todo não reconheci mais que uma apparencia inconstante, e fui como um monge na sua cella, alheio ás coisas mais reaes, de joelhos e hirtos no seu sonho, que é para elle a unica realidade.

Mas não era, minha adorada amiga, um pallido e passivo extasi diante da sua Imagem. Não! era antes um ansioso e forte estudo d'ella, com que eu procurava conhecer através da Forma a Essencia, e (pois que a Belleza é o esplendor da Verdade) deduzir das perfeições do seu Corpo as superioridades da sua Alma. E foi assim que lentamente surprehendi o segredo da sua natureza; a sua clara testa que o cabello descobre, tão clara e lisa, logo me contou a rectidão do seu pensar: o seu sorriso, d'uma nobreza tão intellectual, facilmente me revelou o seu desdém do mundanal e do ephemero, a sua incansavel aspiração para um viver de verdade e de belleza: cada graça de seus movimentos me trahiou uma delicadeza do seu gosto: e nos seus olhos differenciei o que n'elles tão adoravelmente se confunde, luz de razão, calor de coração, luz que melhor aquece, calor que melhor alumia... Já a certeza de tantas perfeições bastaria a fazer dobrar, n'uma adoração perpetua, os joelhos mais rebeldes. Mas succedeu ainda que, ao passo que a comprehendia e que a sua Essencia se me manifestava, assim visivel e quasi tangivel, uma influencia descia d'ella sobre mim—uma influencia estranha, differente de todas as influencias humanas, e que me dominava com transcendente omnipotencia. Como lhe poderei dizer? Monge, fechado na minha cella, comecei a aspirar á santidade, para me harmonisar e merecer a convivencia com a Santa a que me votára. Fiz então sobre mim um aspero exame de consciencia. In-

*Hei de deitar os meus olhos
A'quelle poço sem fundo;
Se tu não olhas p'ra elles,
De que me servem no mundo?*

*

*A perdiz anda no monte,
A lebre no carrascal;
A minh'alma por ti morre,
A tua, não sei por qual.*

*

*O querer bem não é peccado
Que se diga ao confessor;
Cada qual é obrigado
A querer bem ao seu amor.*

*

*Olha para mim direito,
Não olhes atravessado;
Que pôde o mundo dizer,
São olhares de namorado...*

*

*O coração e os olhos
São dois amigos leaes;
Quando o coração tem penas,
Logo os olhos dão signaes.*

vestiguei com inquietação se o meu pensar era condigno da pureza do seu pensar; se no meu gosto não haveria desconcertos que podessem ferir a disciplina do seu gosto; se a minha ideia da vida era tão alta e séria como aquella que eu presentira na espiritualidade do seu olhar, do seu sorrir; e se o meu coração não se dispersára e enfraquecera de mais para poder palpar com parallelo vigor junto do seu coração. E tem sido em mim agora um arquejante esforço para subir a uma perfeição identica áquella que em si tão submissamente adoro.

De sorte que a minha querida amiga, sem saber, se tornou a minha educadora. E tão dependente fiquei logo d'esta direcção, que já não posso conceber os movimentos do

meu sêr senão governados por ella e por ella ennobrecidos. Perfeitamente sei que tudo o que hoje surge em mim de algum valor, idéa ou sentimento, é obra d'essa educação que a sua alma dá á minha, de longe, só com existir e ser comprehendida. Se hoje me abandonasse a sua influencia — devia antes dizer, como uma asceta, a sua Graça — todo eu rolaria para uma inferioridade sem remissão. Veja pois como se me tornou necessaria e preciosa... E considere que, para exercer esta supremacia salvadora, as suas mãos não tiveram de se impor sobre as minhas — bastou que eu a avistasse de longe, n'uma festa, resplandecendo. Assim um arbusto silvestre floresce á borda d'um fôssco, porque lá em cima nos remotos céos fulge um grande sol, que não o vê, não o conhece, e magnanimamente o faz crescer, desabrochar, e dar o seu curto aroma... Por isso o meu amor attinge esse sentimento indescripto e sem nome que a Planta, se tivesse consciencia, sentiria pela Luz.

E considere ainda que, necessitando de si como da luz, nada lhe rogo, nenhum bem imploro de quem tanto pôde e é para mim dona de todo o bem. Só desejo que me deixe viver sob essa influencia, que, emanando do simples brilho das suas perfeições, tão facil e docemente opéra o meu aperfeiçoamento. Só peço esta permissão caridosa. Veja pois quanto me conservo distante e vago, na esbatida humildade d'uma adoração que até receia que o seu murmúrio, um murmúrio de prece, roce o vestido da imagem divina...

Mas se a minha querida amiga por acaso, certa do meu renunciamento a toda a recompensa terrestre, me permittisse desenrolar junto de si, n'um dia de solidão, a agitada confidencia do meu peito, decerto faria um acto de ineffavel misericórdia — como outr'ora a Virgem Maria quando animava os seus adoradores, ermitas e santos, descendo n'uma nuvem e concedendo-lhes um sorriso fugitivo, ou deixando-lhes cahir entre as mãos erguidas uma rosa do Paraíso. Assim, amanhã, vou passar a tarde com Madame de Jouarre. Não ha ahi a santidade d'uma cella ou d'uma ermida, mas quasi o seu isolamento: e se a minha querida amiga sur-

gissee, em pleno resplendor, e eu recebesse de si, não direi uma rosa, mas um sorriso, ficaria então radiosamente seguro de que este meu amor, ou este meu sentimento indescripto e sem nome que vai além do amor, encontra ante seus olhos piedade e permissão para esperar. — *Fradique.*

EÇA DE QUEIROZ.

(De "A Correspondencia de Fradique Mendes,")



O Barcellos-Revista e a Imprensa

Agradecemos, muito reconhecidamente, a todos os nossos distinctos collegas da imprensa local e do paiz, as amaveis e penhorantes referencias com que sempre têm honrado a nossa *Revista*.

Na impossibilidade absoluta de transcrever todas as apreciações, o que ainda um dia faremos, trasladamos hoje as seguintes:

Do n.º 18 da magnifica *Revista de Manica e Sofala*:

Barcellos-Revista. — N.ºs 10 e 11 do 2.º anno. Director e editor: Eduardo Larcher Marçal.

E', como o anterior, (a *Limia*) um *magazine* bellamente escripto e deliciosamente illustrado, cuja leitura aconselhamos sem reservas a todos os intellectuaes d'esta boa terra de Portugal.

Do n.º 34 do brilhante diario do Porto, *O Primeiro de Janeiro*:

Barcellos-Revista. — Muito interessante e de variada e distincta collaboração o numero 9 d'este quinzenario illustrado, superiormente dirigido pelo sr. Larcher Marçal.

Poucas vezes uma revista de provincia logrará alcançar o exito, obtido por esta publicação, que é, pelo escrupulo de sua factura, das melhores que conhecemos no genero.

As illustrações são simplesmente primorosas.



Julio Brandão

Publicamos hoje um inédito que este eminente poeta nos enviou, a nosso pedido, com uma carta muito penhorante para nós.

Agradecemos, com o maior reconhecimento, a sua collaboração e muito nos honramos sempre que, grande e elevado artista como é, deixe ficar nas paginas da nossa *Revista* um pouco do fino oiro, que é a sua Arte.